

Ministros fazem defesa solitária

João Pitella Jr.

Da equipe do **Correio**

Às 16h45, o deputado Arthur Virgílio (PSDB-AM) foi à tribuna elogiar a equipe econômica e o pacote fiscal. Até aquele momento, exatamente seis horas e trinta minutos depois do início da sessão, ninguém da base de apoio ao Palácio do Planalto havia defendido os ministros Pedro Malan e Antônio Kandir das críticas da oposição, que tomaram a maior parte das sete horas e quinze minutos de debate. Todos os principais expoentes governistas compareceram ao plenário, inclusive os líderes no Senado, Élcio Alvares (PFL-ES); e na Câmara, Geddel Vieira Lima (-PFL-BA). Apesar de os trabalhos terem sido transmitidos para todo o Brasil pelas emissoras de TV e rádio do Senado, Malan e Kandir enfrentaram praticamente sozinhos os discursos dos adversários.

Kandir, mais economista do que nunca, preferiu ignorar totalmente as provocações políticas. Parecia nem estar ouvindo direito o que se passava no plenário: a cada crítica, a cada ataque, respondia com a mesma frase: "muito obrigado, é uma grande satisfação constatar que o senhor concorda conosco". Era o típico diálogo de surdos, tanto que Kandir limitou-se a sorrir quando o deputado Chico Vigilante (PT-DF) perguntou qual a diferença entre os governos Collor e Fernando Henrique (ele participou dos dois).

Malan, muito mais disposto, proporcionou o grande momento do dia num debate bem-humorado com o senador Lauro Campos (PT-DF), seu ex-colega de cátedra de economia na Universidade de Brasília (UnB). "Nós somos cachorros subdesenvolvidos que abanamos o rabo para o capital externo. Mas, como o senhor mesmo disse certa vez, ministro, um dia é o rabo que começa a abanar o cachorro, e aí nós estamos perdidos", alfinetou Campos. "Eu escrevi livros, trabalhei dezenas de anos no serviço público, fui ministro, mas não adianta; no meu epitáfio, o que vai estar escrito é que eu falei essa frase, que alias é apenas a tradução de um provérbio inglês. Só espero que pelo menos os meus filhos se lembrem de mim por outras coisas", respondeu Malan, que ainda aproveitou para prever o ano da sua própria morte: 1998. Depois, foram só bocejos no plenário.

Por ironia, foi exatamente Lauro Campos — conhecido por ser prolixo — que sintetizou a sessão: "A coisa mais difícil do mundo é um economista escrever alguma coisa interessante", afirmou.